



Editorial

Dossiê Arte e Dizibilidade

Em uma carta escrita a Antonin Artaud, fragmento de sua correspondência fabulatória publicada nesta edição da Vazantes, a pesquisadora, professora e escritora brasileira Ana Kiffer refere-se à copiosa produção textual deste indispensável pensador francês como uma “intensidade escriturária” que convoca e sustenta os “estados-limite da criação” que ele posteriormente viria a chamar de corpo sem órgãos. A escrita em Artaud não foi, não poderia jamais ter sido, uma máquina de representação, mas sim e necessariamente uma operação material, uma conjuração. Essa intensidade escriturária, que depois ajudou a gestar alguns dos pensamentos e conceitos mais radicais e transformadores da filosofia ocidental do século XX, desloca “a escrita” de uma vez por todas do regime linguístico para o corpóreo, criando consequências e possibilidades epistemológicas inéditas para a pesquisa em artes.

Esta edição, que inaugura o segundo volume de Vazantes, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, dedica-se – de certa maneira como dedicou-se Artaud – a uma sondagem radical da “palavra” como matéria prima, como objeto e metodologia da conjuração sensível no campo da arte, e consequentemente das operações da “escrita” na atual pesquisa em artes no Brasil, de exercícios críticos às ações poéticas.

Não deveria parecer surpresa que a escrita sempre foi um procedimento fundamental, por exemplo, para os artistas visuais das mais variadas épocas. Diários, tratados, cartas, manifestos, textos teóricos, publicações, revistas e livros de artista. Desde Alberti e Leonardo, que escreveram as teorias talvez mais importantes do Renascimento, até a participação de Delacroix, Ingres, Manet e Cézanne nos debates críticos de seu tempo, com seus textos e obras; desde os ensaios de Paul Klee às notas escritas por Duchamp, essenciais para nos relacionarmos com os pensamentos de seus trabalhos; de Yves Klein, com suas reflexões sobre o imaterial na arte, até os artistas minimalistas e conceituais que contrariaram a arte e a crítica formalistas com seus textos e entrevistas, é possível identificar uma profusa circulação de narrativas de processos de criação, de bases teórico-práticas de produções e pesquisas artísticas, de escritos reflexivos sobre artistas antecessores e contemporâneos, bem como testemunhos acerca dos próprios trabalhos e do território artístico em geral.



Tais escrituras demonstram, entre outros aspectos, questionamentos sobre o papel do artista; sua participação num contexto cultural e político; o que os artistas desejam constituir como obra ao público e como seus trabalhos se inserem no sistema da arte. Em muitos casos, contrários a intervenções consideradas alheias aos processos de produção artística, alguns artistas definiram-se “sem intermediários”. E durante as décadas de 1960 e 1970, num sentido mais pronunciado, textos escritos por artistas visuais disseminaram muitas reflexões, ora discorrendo a partir de teorizações inerentes a seus próprios trabalhos, ora implementando esses textos/proposições como trabalhos em si, e ainda apresentando críticas árdas ao sistema de legitimação da arte. A crescente presença da “escrita de artista” no campo alargado da arte vem obrigando novas adaptações por parte da crítica e reorganizando novas ontologias acerca da obra. Por meio da palavra, o cultuado, mítico e aurático objeto artístico foi esfacelado, ao passo que um outro estatuto da arte como reflexão foi se desenvolvendo e se consolidando.

Com a expansão e fortalecimento da pesquisa de pós-graduação em artes, uma crescente atenção aos “modos de dizer” na arte adquire ainda mais força e relevância nas discussões em sala de aula, nos encontros de orientação, nos textos de dissertações e teses, como também na contínua produção escrita e reflexiva de artistas sobre suas próprias obras, e nos processos de criação visual que adquirem uma conformação matérica no universo da palavra.

É notável, nesse sentido, a imensa quantidade de artistas visuais brasileiros que trabalham a palavra como matéria prima do pensamento e da obra. Ao longo de toda a revista, decidimos por intercalar artigos acadêmicos, ensaios e experimentos textuais com obras artísticas gentilmente cedidas por artistas das mais diversas partes do Brasil. A ideia buscada pelos editores foi justamente romper com as hierarquias estanques entre o texto como crítica, tradicionalmente “acadêmico”, e o texto como poética-visualidade-performatividade, tradicionalmente “artístico”, dando à edição um ritmo de fruição que passa do artigo à obra, ao ensaio, a outra obra, de volta a um artigo, às cartas, às imagens, a outro ensaio, a outra obra, e assim por diante. O resultado, de um ponto de vista editorial, é uma grande e estimulante profusão de poéticas distintas que exploram a escrita bibliográfica e não-bibliográfica como diferentes modos de materializar o pensamento artístico.

Alguns autores, pesquisadores vinculados à pós-graduação e professores, além de contribuírem com artigos também apresentam suas obras artísticas, como é o caso de Jorge Menna Barreto e Raquel Stolf. O artista visual Yuri Firmeza contribui com um ensaio experimental sobre o voo e a performance digestiva dos urubus, aves de rapina que tão costumeiramente riscam os céus do Brasil. O professor e artista Ricardo Basbaum nos envia um texto inédito em português que contextualiza a sua obra-processo “Você gostaria de participar de uma experiência artística?” dentro de uma revisão crítica da natureza da participação na arte contemporânea frente às crescentes estratégias neoliberais de conformação do sistema de arte. Assinando também como editora desta edição, a curadora e professora Galciani Neves publica

um artigo fundamental para entendermos crítica e historicamente o lugar e o uso da palavra nas artes visuais contemporâneas. A pesquisadora e professora Monica Toledo Silva traz um artigo no qual fabula a presença da mulher refugiada na cidade hoje como sereia contemporânea, estimulando desvios epistemológicos e comunicacionais do sentido. Gisela Bergonzoni, em seu belo e oportuno artigo, aproxima Gonçalo Tavares de Roland Barthes e revela como a linguagem é matéria do sensível, alargando os sentidos da experiência artística. A professora e artista Livia Aquino escreve um artigo que ao mesmo tempo narra, recria e contextualiza sua performance “Uma língua fala, o corpo inteiro labuta”, que consiste na leitura em voz alta do conto “A Metamorfose”, de Franz Kafka.

Em seu artigo, Jorge Menna Barreto reflete sobre a relação entre lugar e obra de arte, atualizando os debates sobre as práticas de *site-specific* e arte na esfera pública e os problemas de tradução deste termo. A artista e professora Raquel Stolf compõe um artigo sobre/com o silêncio, no qual o diálogo com a filosofia continental estrutura-se ao mesmo tempo como escuta e como performance poética. Um outro artigo que experimenta na forma e no modo de elaborar o pensamento crítico, escrito por Mayra Martins Redin, oferece uma espécie de etnografia da ressonância nos atos, gestos e eventos do cotidiano, reconfigurando a escuta do mundo como possibilidade poética. A professora e pesquisadora Jo A-mi organiza uma coletânea de contos a partir de uma oficina que ministrou no LAMUR (Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas - UFC), em que a escrita foi tomada como processo de criação. Entre os textos, há ainda um estimulante ensaio intitulado “Nativo ausente e escrita-despacho”, escrito pelo pesquisador e professor de história afrobrasileira e indígena da Universidade Regional do Cariri, Thiago Florêncio, no qual a ferida colonial brasileira que liga e separa Brasil e Europa é escrita/tocada pelos próprios pés do etnógrafo, tornado terceira pessoa, em giros e encruzilhadas narrativas e geopolíticas que operam um materialismo histórico como forma-força de magia.

Entrecortando os artigos e ensaios, o leitor ainda poderá ler/ver as obras das(os) artistas: Janina Mcquoid, Pedro França, Gustavo Speridião, Traplev, Patrícia Araujo, Isabella Beneducci, Fernanda Porto, Pepi Lemes, Marcela Tiboni, Santarosa Barreto, Regina Parra, Raquel Stolf, Jorge Menna Barreto, Ana Luiza Dias Batista, Deco Adjiman, Fabio Moraes, Livia Aquino, Vitor Cesar.

Vista e lida em sua integralidade, esta edição da Vazantes atualiza a crítica da linguagem em sua ruptura com o paradigma moderno da representação iniciado por Artaud, posteriormente aprofundado por filósofos como Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Maurice Blanchot, Shoshana Felman, entre outros, lançando mão de uma noção mais aguçada de materialidade linguística e da linguagem como ação, e aproximando a escritura da realidade material e dos processos de criação de mundos. Os textos e obras aqui contidos nos sinalizam como a linguagem e o texto, tomados como ação no mundo, deslocam qualquer fixidez de significados dados a priori, agregando sentido no próprio ato material e descontínuo de (se) escrever. Ao explorar e ativar novos regimes de dizibilidade na pesquisa em artes, esta edição

ressalta a potência da escrita de devir-obra e a potência da obra de devir-escrita, diluindo assim dicotomias entre obra e texto, experiência sensível e escrita.

Pablo Assumpção e Galciani Neves